

habitar na Gallécia um logar a cuja protectora divindade de caracter iberico dedicou um altar, e, por isso que a região estava romanizada, na lingua de Roma foi lavrada a inscripção. É um facto de celtiberismo passado ainda nos ultimos seculos da epoca lusitano-romana. E a razão do titulo d'esta noticia.

Agosto de 1906.

FELIX ALVES PEREIRA.

Medalha commemorativa da instituição da Academia Real da Historia Portuguesa

Summario

Noticia acêrca da instituição da Academia.—Origens, no seio d'ella, do estudo da Medallistica em Portugal.—Conferencia Academica de 22 de Outubro de 1721, em que se fez a entrega de uma medalha a D. João V.—Descrição da medalha.—Considerações a respeito d'ella, e referencias a um projecto de Vieira Lusitano.—Appendice: breve noticia de umas medalhas que a Academia projectou para commemorar os casamentos do Príncipe do Brasil, D. José, com D. Mariana Victoria, e da Infanta D. Maria Barbara com o Príncipe das Asturias.—Outros projectos de Vieira Lusitano.

No dia 4 de Novembro de 1720 communicou D. João V a D. Manoel Caetano de Sousa a ideia que tivera de fundar em Lisboa uma associação literaria, com o fim de escrever a Historia de Portugal. Poucos dias depois o P.^o D. Manoel Caetano de Sousa apresentou ao monarcha o seu parecer, por escrito, no qual desenvolvidamente mostrava a utilidade da ideia, e indicava a fórmula de a pôr em pratica. Em vista d'esse parecer encarregou-o D. João V de proceder aos trabalhos preliminares e de estudar as bases em que deveria assentar a futura Academia.

O incansavel organizador da associação, tratando de dar cumprimento a esta ordem, reuniu, em 19 de Novembro do mesmo anno, no seu proprio quarto, que era na Casa de N.^a Sr.^a da Divina Providencia, alguns personagens illustres: o Marquês de Alegrete, o Conde da Ericeira, Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, e o Conde de Villa Maior. Nesta assembleia preparatoria tomaram-se deliberações importantes, que o monarcha approvou.

Com a mesma actividade com que caminhavam estes trabalhos, procedia-se ao arranjo de uma das salas do antigo Palacio dos Duques de Bragança, pois que era alli que, no dia de N.^a Sr.^a da Conceição, a 8 de Dezembro, se deveria realizar a primeira sessão inaugural.

Na conferencia preparatoria de 3 de Dezembro declarou o director que D. João V havia conferido o titulo de Academia Real da Historia Portuguesa á nova instituição, da qual se constituia protector, e na de 6 de Dezembro tomaram parte, pela primeira vez, os Marqueses de Abrantes e de Fronteira.

Com a assistencia de 34 socios, conforme o desejo do soberano, realizou-se no dia 8 de Dezembro de 1720 a sessão solemne de inauguração da nova Academia.

Fez-se esta cerimonia começando o director pela leitura do decreto que fundava a instituição, datado do mesmo dia. Ordenava o monarcha que esse decreto fosse registado¹, e nelle declarava que a escolha do dia de N.^a Sr.^a da Conceição fôra intencional.

Terminada a leitura, D. Manoel Caetano de Sousa, que tinha sido eleito director na ultima conferencia preparatoria, proferiu um desenvolvido discurso, e, por fim, elegeram-se os socios encarregados de elaborar os estatutos, sendo eleitos, o director, o Marquês de Alegrete, o Conde da Ericeira e D. Francisco Xavier de Menezes. O projecto que esta commissão apresentou na sessão de 21 de Dezembro foi approvado, e veio a receber a sancção real em 4 de Janeiro de 1721.

Nos dez paragraphos de que se compunham, determinavam os estatutos, entre outros assuntos: que os academicos seriam em numero de 50, cuja eleição ficaria sempre dependente da confirmação regia; que o fim da Academia era escrever a Historia de Portugal, devendo começar pela ecclesiastica; que todos os annos, a 9 de Dezembro, haveria eleições dos cargos de director e de censores; que o logar de secretario, cujas amplas attribuições eram definidas no § v, seria perpetuo. Foi este cargo por largos annos desempenhado pelo Conde de Villa Maior, depois Marquês de Alegrete, D. Manoel Telles da Silva.

Desde o 1.^o de Maio até o fim de Setembro, aos domingos, de quinze em quinze dias, pelas quatro horas da tarde, haveria sessões geraes, podendo, alem d'essas, os censores terem as que quisessem com o director.

Para auxiliarem os academicos haveria officiaes e escreventes em numero sufficiente. Nos dias dos anniversarios do Rei e da Rainha as conferencias realizar-se-hiam no Paço, onde os academicos deveriam ler producções literarias.

¹ A Academia Real da Historia tinha diversos livros para registos, que hoje estão na Biblioteca Nacional de Lisboa. O primeiro intitula-se: *Livro Primeyro em que se hão de lançar o Decreto de Sua Magestade da instituição da Academia, os seus estatutos, etc.*, etc. Biblioteca Nacional. Ms. n.º 684.

A Academia adoptou para empresa «o simulachro da Verdade, como a representam os antigos com esta letra: RESTITUET OMNIA»: O sêllo compunha-se do escudo das armas reaes, estando debaixo d'elle a figura do *Tempo*, preso com cadeias; em volta tinha uma legenda, cuja redacção, porém, não agradou, e fez levantar graves discussões, que terminaram com a intervenção do monarcha, a quem foram apresentadas nada menos de tres legendas. D. João V mandou adoptar a seguinte¹: SIGILLVM REGIAE ACADEMIAE HISTORIAE LVSITANIAE.

O cargo de protector que o monarcha a si proprio se impôs não foi apenas honorifico. Dotou a Academia com uma renda annual de um conto de réis²; mandou vir do estrangeiro typographos e gravadores; isentou as suas produções da licença do desembargo do Paço, desde que fossem approvadas pelos censores; assistiu a muitas conferencias; pôs ao dispor da instituição todos os archivos do reino; e, por decreto de 14 de Agosto de 1721, prohibiu que se destruíssem quaesquer monumentos antigos, que servissem para documentar a Historia, não sendo esquecidas as moedas e as medalhas, as quaes mandava que se conservassem³.

Esta Academia, se não cumpriu á risca o seu programma, não deixou por isso de prestar serviços relevantes á Historia do nosso país. Produziu numerosas obras de vulto, que occupam lugar de honra na bibliographia portugueza, sendo esta fecundidade devida á illustração e boa vontade dos seus socios e ao methodo e disciplina, verdadeiramente notaveis e dignos de serem imitados.

Por isso, tanto a memoria de D. João V, que assinalou o seu reinado com a instituição d'esta Academia, como a das illustres individualidades que nella floresceram, são credoras da nossa mais viva admiração e respeito.

¹ Vid. *Historia da Academia Real da Historia*, p. 84 sqq.

Tanto a empresa como o sêllo foram compostos pelo Marquês de Abrantes, segundo o que elle proprio disse na 8.ª conferencia, que se realizou a 18 de Março de 1721. Vid. o liv. II dos registos das conferencias, do anno de 1721, a fl. 26 v. Biblioteca Nacional. Ms. n.º 685.

² Por decreto de 6 de Janeiro de 1721. Esta quantia era paga aos *quarteis* pela thesouraria da Casa da Moeda ao thesoureiro-mór do reino, que a despendia por *ordens* da Academia. O decreto está registado no liv. II do Régisto Geral da Casa da Moeda, a fl. 287 (no archivo respectivo), e no liv. I dos registos da Academia, a fls. 34 e 34 v. Biblioteca Nacional. Ms. n.º 684.

³ Este decreto tambem está registado no ultimo livro citado na nota antecedente, a fls. 83 e 84.

Depois da morte do monarcha perdeu a Academia, pouco a pouco, a sua primitiva actividade até que, por fim, cedeu o seu logar á Academia Real das Sciencias.

*

Cumpre-nos agora accentuar um facto: É ao seio da Academia Real da Historia que se vae buscar a origem do estudo methodico da Medalhistica em Portugal, pois que foi um dos seus mais illustres membros, o Marquês de Abrantes, D. Rodrigo Annes de Sá Menezes e Almeida, quem o iniciou.

Até então, afóra uma ou outra indicação avulsa¹, ainda nenhum portuguez tinha feito estudos especiaes sobre este assunto, não obstante alguns escritores terem já tratado de Numismatica.

Foi o proprio Marquês que, por sua livre vontade, quis esse encargo. Na oitava conferencia, realizada em 18 de Março de 1721, de que foi director, fallando da obrigação que cada um dos academicos tinha de apresentar o estado de adeantamento dos seus trabalhos, disse que de si «pouco podia dizer, pois se lhe não encarregara mais, que a composição da empreza, e do sello da Academia, ao que logo obedecera; porém que para demonstrar que sacrificava de boa vontade a sua inhabilidade ao commum interesse d'esta grande obra, se encarregava de reduzir a dous volumes a descripção de todas as medalhas², e moedas que desde que se introduzio no mundo esta especie até o presente, se tem publicado neste Reyno, e a collecção das mais dignas inscripções antigas, e modernas, que nos pertencem, pois que humas, e outras contem noticias, que estampadas, e manuscriptas em metaes, e em marmores conservão apezar das injurias do tempo a gloriosa fama da nossa Nação no templo da immortalidade»³.

¹ Por exemplo: Manoel Severim de Faria descreveu uma medalha nas suas *Noticias de Portugal*, discurso VIII, no final da biographia do Cardeal D. Jorje da Costa, p. 262 da edição de 1740, que temos á mão. A 1.^a é de 1655.

² A palavra medalhas empregada neste discurso do Marquês abrange, evidentemente, não só as antigas, como, por exemplo, as romanas, mas tambem as modernas, portuguezas, pois que o fim que elle tinha em vista era publicar em dois volumes a *descripção de todas as medalhas e moedas*, que desde que se introduziu no mundo esta especie, até o presente, se tinha publicado neste reino. Os seus trabalhos confirmam o que dizemos.

³ Biblioteca Nacional. Ms. n.º 685, fl. 26 v. Este discurso foi mandado imprimir, segundo consta do mesmo livro a fl. 30 v. Em conformidade com o plano traçado, começou o Marquês os seus trabalhos pelas moedas, e na conferencia de 13 de Agosto de 1722 disse o seguinte: «agora desejava mostrar que se não

Infelizmente, o Marquês de Abrantes não chegou a publicar a sua obra, que, segundo parece, estava bastante adeantada; mas, graças a um sinal que D. Antonio Caetano de Sousa adoptou, podemos hoje apreciá-la. As estampas das medalhas, que no tomo IV da *Historia Genealogica da Casa Real* apparecem com ausencia de filete, foram mandadas gravar pelo Marquês, que as destinava ao seu trabalho. São apenas sete; nisto se resume a sua obra sobre Medalhística. Quem ha, porém, que lhe negue o devido valor? Se á primeira vista o numero parece diminuto, não se deve esquecer que nada mais poderia fazer-se numa epoca em que as medalhas não abundavam. Demais, uma d'ellas, a de D. Affonso VI¹, teria ficado desconhecida, pois que nem mesmo D. Antonio Caetano de Sousa a viu.

Algumas eram tão raras que já em 1795, Bouch, no seu prospecto, dizia²: «Em Inglaterra um ourives irlandez, Daniel Coningham, já fallecido, fez passar as medalhas portuguezas summamente raras dos Senhores D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II, cujos exemplares debalde nos cansariamos para os acharmos hoje em Lisboa, pois que os dos referidos monarchas provém da mobilia do defuncto marquez de Abrantes, Rodrigo Annes de Sá».

Porém, todo o trabalho do Marquês de Abrantes acêrca de Medalhística ter-se-hia irremediavelmente perdido se, dentro da mesma Academia, não houvesse outro homem, não menos illustre, que o aproveitasse. D. Antonio Caetano de Sousa, o celebre autor da *Historia Genealogica da Casa Real*, querendo continuar o trabalho encetado pelo seu collega, dedicou um capitulo especial ás medalhas portuguezas no tomo IV d'esta sua monumental obra, e, muito honradamente, como era proprio do seu character, declarou que publicamente confessava, no grande theatro do mundo, que lhe haviam servido de base os trabalhos do primeiro³.

descuidava das moedas Portuguezas dando á Academia á imitação dos catalogos huma synopsis de mais de cento e vinte moedas dos nossos Reys, cunhadas nos tres metaes, e que a muitos dos Academicos era notorio que a improvisa ausencia de hum artifice lhe difficultara a execução deste intento, mas que já outro trabalha, e esperava que poderia conseguir o que desejava de sorte, que satisfizesse a curiosidade publica». Bibliotheca Nacional. Ms. n.º 686, fl. 231.

¹ *Historia Genealogica*, tomo IV, fl. EE, n.º 2. Lopes Fernandes, n.º 16.

² Ainda não conseguimos ver este prospecto de Bouch, nem as reproduções de medalhas por elle feitas, de que falla Lopes Fernandes na sua *Memoria das medalhas*, a p. 2. Transcrevemos, por isso, este passo do livro de Aragão, tomo I, p. 119.

³ Vid. *Historia Genealogica*, tomo IV, pp. 103 e 104.

300 Pelos referidos frisos, que estão collocados em volta das estampas¹, facilmente se distinguem as que D. Antonio Caetano de Sousa addicionou ás do Marquês de Abrantes.

301 Ás sete medalhas que este tinha deixado gravadas juntou mais treze, dando assim á publicidade um total de vinte. Para maior clareza fez as suas descrições que, por vezes, são acompanhadas de importantes noticias bibliographicas.

302 Se é, pois, digno de elogio o trabalho do Marquês de Abrantes, não o é menos o de D. Antonio Caetano de Sousa.

303 Muitas das medalhas que veem estampadas na *Historia Genealogica* são hoje quasi lendarias! Os colleccionadores fixam nellas olhares gananciosos, com esperanza de as poderem alcançar! Mas é tempo perdido. Quando muito, poderão obter uma ou outra, em algum leilão no estrangeiro... mas falsa!

— Ainda que com estas considerações alongassemos demais este artigo, julgamos ser desculpados d'essa falta, pois que seriamos bastante injustos, se, ao fallarmos da Academia Real da Historia, não prestassemos justa homenagem á memoria d'aquelles dois illustres academicos, que tanto a honraram, e que criaram entre nós o estudo da Medalhística, — o Marquês de Abrantes e D. Antonio Caetano de Sousa, o primeiro como fundador e o segundo como continuador, não menos illustre.

*

304 Em obediencia aos preceitos dos estatutos, a Academia realizou a sua conferencia no Paço Real em 22 de Outubro de 1721, dia do anniversario de D. João V.

305 Fez-se esta solemnidade com a magnificencia propria da epoca. A Familia Real sentou-se em rico throno, coberto com docel, e as damas, os officiaes e o resto da côrte accommodaram-se nos seus respectivos logares. Para os academicos havia um recinto reservado, dentro da teia.

306 Findo o beija-mão, o Marquês de Abrantes, na sua qualidade de director, em discurso laudatorio, dirigiu ao monarcha felicitações pelo seu anniversario natalicio, e em seguida, pela ordem alfabetica dos nomes, varios academicos leram os seus trabalhos. Coube o primeiro logar a Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, seguindo-se-lhe depois o P.^o Fr. Miguel de S.^{ta} Maria, Fr. Pedro Monteiro e o P.^o D. Rafael Bluteau.

¹ Vid. o livro citado na nota antecedente, p. 106.

Por ultimo, como academico, tornou a fallar o Marquês de Abrantes, que começou o seu discurso por offerecer a D. João V uma medalha, commemorativa da instituição da Academia, dizendo: «Offerece Senhor a V. Mag.^{de} esta Real Academia a sua primeira Medalha, é nella da parte principal figurado o decorozo aspecto de V. Mag.^{de} com o gloriozo titulo do seu Augusto nome nestes termos: *Joannes V Lusitanorum Rex*.

Da outra parte da Medalha se representa V. Mag.^{de} em pé revestido da Real purpura, dando a mão ao simulacro, ou figura da Historia, para que se levante, com tão soberano arrimo do abatido estado, em que de muitos tempos a esta parte jazia, dizendo-lhe a inscripção: *Historia Resurges*.

E na parte inferior se lê notado o tempo, em q. V. Mag.^{de} creou esta Academia: *Regia Academia Historiae Lusitanae instituta VI Idus decembris CIOI^oCCXX*.

Medalha semelhante publicou o senado Romano em tempo do Emperador Vespasiano, com a differença porém, que a figura, a quem o Emperador dava a mão, era a de Roma, tanto inferiores huma e outra, quanto são mais estimaveis o simulacro da Historia, que o symbolo de Roma, a imagem de V. Mag.^{de} que o retrato de hum Emperador dos Romanos. . . .¹.

Depois de entregue a El-Rei o exemplar, de ouro, distribuiram-se muitos outros, de ouro e de prata, pela Familia Real, pelos academicos e pessoas da côrte.

*

Temos uma d'estas medalhas. Vid. a fig. 1.^a

Anv.—Busto de D. João V, laureado e com grande cabelleira, voltado á esquerda. O monarcha está vestido com armadura ornamentada, sobre a qual tem lançado um manto de arminho, que dá volta

¹ Vid. a descripção da solemnidadè, bem como este discurso, no livro dos registos das conferencias da Academia Real da Historia do anno de 1721. Bibliotheca Nacional. Ms. n.º 685, fl. 119 v e sqq. O discurso vem na p. 124, e é curioso que antes do começo deixaram um espaço em branco, precisamente o necessario para nelle ser desenhada a medalha, em tamanho natural, o que infelizmente não fizeram.

Vid. tambem a *Collecçam dos documentos, estatutos e memorias da Academia Real da Historia*, ordenadas pelo Conde de Villa Maior, tomo 1, no capitulo que traz as noticias da Academia Real da Historia de 22 de Outubro de 1721. (As paginas d'este livro não tem numeração; como porém no exemplar da Bibliotheca houve o cuidado de fazer esse trabalho, a lapis, podemos citar a p. 206).

pelo peito e se prende sobre o hombro esquerdo com um broche de pedras preciosas. Neste mesmo hombro, ornamentando a armadura, ha uma cabeça de leão. Em volta do pescoço tem collarinho de cambraia encanudado, e no exêrgo, escrita com caracteres bem legiveis, a assinatura do gravador: A. MENGIN.

No arco superior da orla, a legenda: IOANNES *V* LUSITANORUM *REX*

B. — Sobre o friso que separa o exergo, do lado direito, D. João V, de pé, offerece a mão direita á «Historia», personificada em figura de mulher, que na sua frente está semi-ajoelhada.

D. João V tem grande cabelleira e coroa de louro; está vestido com armadura e coberto com grande manto de arminho. Uma ponta d'este fica suspensa do braço que o monarcha tem estendido. Com alguns dedos da mão esquerda *apanha* uma outra parte do manto, de modo que este fica com uma curva graciosa, junto da cintura. Com o dedo indicador d'essa mesma mão segura o sceptro, que está encostado ao hombro e ao longo do tronco.

Do lado direito vê-se a ponta da espada, em posição obliqua.

A figura da mulher, que personifica a «Historia», está descalça, tem vestuario leve e simples e os braços nus. Apoia o joelho direito em terra tendo o outro erguido. Na mão direita segura uma penna, com a qual pretende escrever num papel que está no chão, por detrás do seu pé. A situação do papel obriga-a a ficar com o braço estendido, em posição forçada. Com a mão esquerda segura a que o Rei lhe estende. . . *para se erguer com este soberano arrimo.*

No arco superior da orla ha a legenda: *HISTORIA *RESURGES* e no exergo, em tres linhas, a data da instituição da Academia, nestes termos:

REG. ACAD. HIST. LVSIT.

INSTIT. VI. ID. DEC.

CIOIOCCXX

Esta medalha é de prata; pesa 59^{gr},20; tem de diametro 49,5 milímetros e de espessura 3,5. É muito rara.

Está bem conservada, não obstante ter um furo na parte superior, que a atravessa de um a outro lado, feito como intuito de a suspenderem, e estar levemente amolgada na face do busto do anverso e por cima da figura da «Historia». Estes defeitos, porém, pouco a prejudicam.

Nunca vimos medalhas iguaes de cobre.

Vem estampada e descrita nas seguintes obras: *Collecçam dos Documentos, estatutos e memorias da Academia Real da Historia*, tomo I,

p. 209 v¹ (o reverso tambem vem estampado no frontispicio de todos os outros volumes d'esta mesma obra); *Hist. Gen.*, tomo iv, fl. GG, n.º 1 e p. 492; *Memoria das Medalhas*, de Lopes Fernandes, n.º 31 e p. 25.

Vem sómente descrita: na *Historia da Academia Real da Historia*, tomo I, pp. 372-373; no *Elogio Funebre e Historico de D. João V*, por Francisco Xavier da Silva, p. 229; na *Histoire du Travail*, de Aragão, p. 102, n.º 1376; no *Catalogo da Collecção do Sr. Eduardo Carmo*, feito pelo Sr. Dr. Pedro Augusto Dias, p. 161, n.º 5; no *Panorama de 1840*, tomo iv, pp. 29-31, que dá uma noticia acêrca da Academia; e no catalogo intitulado: *Medalhas do Museu Municipal do Porto*, feito por Manoel Joaquim Pereira, guarda do mesmo museu, sob o n.º 5.

*

Estas medalhas foram cunhadas na Casa da Moeda, com authorização de D. João V, como consta da seguinte nota, que transcrevemos:

«Reg.^{to} de hum Aviso do Secretario de Estado e ordem do Vedor da faz.^{da}, e desp.^o desta Caza p.^a q. nella se lavrem medalhas de ouro e prata com o retrato de S. Mag.^{de} q. Ds. g.^{de}»

S. Mag.^{de} q. Ds. g.^{de} he Servido q. V. Ex. mande cunhar na Caza da moeda huma medalha feita com o retrato de S. Mag.^{de} por occasião da instituição da Academia Real da Historia Portugueza, e que se lavrem de ouro doze, e de prata cento e vinte q. se entregarão a An.^o Rebello da Fonseca das quais nos dará conta e assim a despeza dos metais, e do lavor como a dos cunhos, e do offiçial q. os esculpe as.^{im} conforme o seu ajuste se deve pagar o trabalho de os gravar tudo se satisfaça pello thezr.^o da Caza ficando nella os cunhos p.^a se puderem lavar mais medalhas semelhantes quando S. Mag.^{de} assim o ordenar, e conservará tambem o thezr.^o algumas medalhas já feitas p.^a o cazo em q. S. Mag.^{de} as queira em breve tempo, e quando estas se gastarem se fabricarão logo outras p.^a q. sempre se achem promptas quando S. Mag. as quizer. Ds. g.^{de} a V. Ex.^a Paço a tres de outubro de mil sette centos e vinte e hum.

P.¹ Marquez de Frontr.^a Diogo de Mendonsa Corte Real». (Seguem-se os despachos do Vedor da Fazenda e do Provedor)².

¹ As paginas d'este livro não são numeradas, como já dissemos; porém um dos exemplares da Biblioteca Nacional tem numeração a lapis. Noutro exemplar, do mesmo estabelecimento, não vem a gravura.

² Vid. no Archivo da Casa da Moeda o liv. II do *Registo Geral* (anno de 1687 a 1723), a fl. 264 v.

Aragão não transcreveu este registo no seu livro, como fez com varios outros registos referentes a medalhas, mas citou o logar onde elle existe, em uma nota por elle posta no exemplar da obra de Lopes Fernandes que lhe pertencia, o qual hoje está em poder do nosso bom amigo o Sr. D. Fernando de Almeida. Guiados por essa citação fomos copiá-lo á Casa da Moeda.

A proposito diremos que nos é sempre agradavel termos ensejo de paten-tear ao publico a nossa gratidão para com as pessoas que amavelmente se pron-

A determinação regia foi cumprida, pois que ainda hoje existem na Casa da Moeda os seguintes ferros:

1) Punção com o retrato de D. João V, que serviu para o cunho do anverso.

2) Cunho do anverso, no qual se lê a assinatura do gravador.

3) Punção com as figuras do lado do reverso, levemente variadas das que estão na medalha. A variante mais notavel é a ausencia do sceptro na mão do Rei. (Comp. com a figura da medalha).

4) Outro punção com as figuras do reverso, no qual está o sceptro mas falta a parte do manto que fica pendente do braço que o monarcha tem estendido. Não obstante esta circumstancia, parece que foi este o que serviu, pois que, alem de se ajustar no cunho com que se bateu a medalha, era costume antigamente, segundo me informou pessoa competente, deixarem os punções incompletos e depois gravarem no proprio cunho o que faltasse.

5) Uma matriz d'este ultimo punção.

6) Um cunho do reverso em bom estado; nelle se adapta a nossa medalha.

7) Outro cunho do reverso, quebrado, que varia do antecedente nas dimensões das letras das legendas. Cremos que fosse inutilizado intencionalmente, porque continha uma imperfeição notavel: a data que se lê no exergo não se ajustava ao centro da linha, ficando mais desviada para o lado da figura da Historia, de modo que, para se corrigir esse defeito, foi preciso preencher um pequeno espaço, que restava á direita, com dois arabescos, sem graça nem symetria¹.

Os cunhos que serviram para bater a medalha devem, pois, ser os que vão indicados sob os n.^{os} 2 e 6.

Foi seu autor Antonio Mengin, gravador francês que viveu durante bastantes annos em Lisboa. Nasceu em 1690. Foi nomeado abridor de cunhos para a Casa da Moeda em 26 de Maio de 1721. Falleceu em 1772 deixando dois filhos, Paulo Aureliano Mengin e Pedro

tificam a auxiliar os nossos trabalhos. Estão nesse caso o Sr. Casimiro José de Lima, muito digno Director da Casa da Moeda, e o Sr. Julio Vigón Ibañez: o primeiro, alem de importantes informações que nos forneceu, concedeu-nos autorização para consultarmos documentos e vermos os ferros; e o segundo, que com muita intelligencia dirige o archivo d'aquelle estabelecimento, prontificou-se a attender-nos com toda a benevolencia.

Aqui lhes tributamos, pois, o nosso reconhecimento.

¹ Todos estes ferros estão no gabinete do Director da Casa da Moeda, guardados em estantes.

Antonio Mengin, que foram seus discipulos e que tambem se dedicaram á mesma arte ¹.

Continuando a compulsar os livros de registos da Academia, averiguámos que a ideia de se cunhar a medalha partiu do Marquês de Abrantes. Assim, na junta dos censores, que teve logar em 20 de Agosto de 1721, disse elle o seguinte: «Como lhe tocava fazer as medalhas achava preciso que se fizesse huma para se publicar na Academia ² dos annos de El-Rey visto que o tempo não permitia que fosse na de sette de setembro, e que El-Rey se agradava muito disto e que se fizesse de prata para os Academicos, e de ouro para El-Rey, e que elle Marquês daria conta do que ella havia conter que devia ser sobre a instituição da Academia» ³.

Vê-se d'esta acta que havia intenção de entregar a medalha a El-Rei na sessão de 7 de Setembro, a qual deveria realizar-se no Paço por ser o dia do anniversario da Rainha. A falta de tempo determinou o adiamento da entrega, que se fez na conferencia do dia dos annos do soberano, como vimos.

Quis o proprio Marquês encarregar-se da escolha do typo da medalha, mas para levar a effeito este desejo viu-se obrigado a destruir certas observações, que alguns dos seus collegas lhe fizeram quando apresentou o projecto: da acta da junta dos censores, de 8 de Outubro de 1721, consta que «o Marquês de Abrantes leo hum discurso em que convencia de pouco efficazes as duvidas que dous Academicos pozerão á medalha que estava feita, e sogeitando-se a censura da conferencia se assentou que na medalha proposta se não devia mudar nada por estar composta com toda a felicidade e acerto» ⁴.

De facto assim era. A medalha continha um bonito pensamento, que, embora não original, se impunha pela *felicidade* da adaptação.

Do discurso que o Marquês de Abrantes proferiu na presença de D. João V vê-se que o illustre academico se inspirou em uma medalha romana, a qual nos não foi difficil conhecer, em virtude dos elementos de que dispomos. Assim, da segunda parte d'esse discurso deduz-se:

- 1) que a medalha era do tempo do Imperador Vespasiano;
- 2) que este dava a mão á figura de Roma para a ajudar a levantar-se;
- 3) que era semelhante áquella de que nos occupamos;

¹ Vid. as respectivas biographias no livro de Aragão, *Descripção Geral e Historica, etc.*, tomo 1, pp. 76, 80 e 81.

² Isto é, sessão academica.

³ Biblioteca Nacional. Ms. n.º 685, fl. 85.

⁴ Biblioteca Nacional. Ms. n.º 685, fl. 111 v.

4) que foi dedicada ao Imperador pelo Senado Romano.

Ora, procurando no livro de Cohen¹ as descrições das medalhas referentes a Vespasiano, ahí encontramos uma que contém todos os requisitos acima expostos; foi, por conseguinte, essa a que inspirou o Marquês.

Cohen descreve-a da seguinte forma: IMP. CAESAR VESPASIANVS AVG. P. M. T. P. P. COS. II. Sa tête laurée à droite.

R. ROMA RESVRGES. Vespasien lauré debout, donnant la main à Rome agenouillée qui lui est présentée par un soldat. F. G. B².

A semelhança das legendas do reverso ainda mais corrobora o nosso parecer.

Na medalha da Academia foi eliminado o soldado (Marte?), que está na romana, porque nella não convinha representar senão os dois personágens que lá figuram: o monarcha e a História.

Como na collecção da Biblioteca Nacional ha algumas reproduções³ d'esta medalha romana, fizemos estampar uma d'ellas, para que melhor se possa fazer o confronto. Vid. a fig. 2.^a

Na figura 3.^a apresentamos o reverso da mesma, ao qual mandámos eliminar o soldado; a semelhança é completa. (Comp. com a figura da medalha da Academia).

Pelo estudo que fizemos de uma interessante collecção de desenhos de Vieira Lusitano, que existe na Biblioteca de Evora, nos convencemos de que este artista não foi estranho á execução da medalha de que tratamos, pois que entre elles apparece o seguinte projecto (Vid. a fig. 4.^a, onde vae representado em tamanho natural):

À direita ha um anjo, que sustenta com a mão esquerda um livro e colloca com a outra uma coroa de louro sobre a cabeça de D. João V, que está de pé sobre os degraus de um throno, coberto com docel. O monarcha traja de Imperador romano e tem grande manto. A seus pés está ajoelhada a «História», personificada, sobre cuja cabeça elle estende o manto com o braço direito. A História segura flores com a mão direita e a seus pés ha varios livros. Leg.: MERCES VIRTVTVM. No exergo outra legenda, em tres linhas: ACADEMIA HISTORIÆ—PROTECTIONE SVSCE—PTA 1720.

¹ *Description historique des monnaies frappées sous l'empire romain*, tome 1, p. 317, n.º 391.

² Cohen não menciona as duas letras S C que se lêem na medalha.

³ Ha tambem um exemplar na Biblioteca da Universidade, que vem descrito no *Catalogo das moedas romanas*, feito pelo Sr. Dr. Mendes dos Remedios, p. 59, n.º 79.

Nota-se que esta legenda alterou outra que primitivamente existiu, da qual ainda se vêem vestígios.

Este desenho a sanguina, apenas esboçado, contém em parte o pensamento da medalha adoptada: *o rei, de pé, estende a mão sobre a cabeça da Historia que na sua frente está ajoelhada.*

Conclue-se, assim, que o Marquês de Abrantes, ao pretender adaptar á medalha da Academia a ideia contida na romana, se dirigiu a um artista de valor, como era Vieira Lusitano¹. Este projecto representa certamente o primeiro ensaio, que depois soffreu modificação.

Faz parte de um quadro que contém cinco desenhos, collados em cartão, dispostos com symetria e adornados de filetes.

Na parte superior está ornamentado com os emblemas da pintura, que são atravessados por uma fita onde se lê: PENSAMENTOS ORIGINAIS DO INSINGNE VIEIRA (*sic*).

Tanto a disposição dos desenhos como a parte ornamental são obra de um antigo colleccionador, que tambem era artista de merecimento.

Na fig. 5.^a fizemos reproduzir o referido quadro, que tem o n.º 221, para que o leitor possa ver o logar que nelle occupa o projecto².

No dia 22 de Outubro de 1722, pelo motivo do anniversario de D. João V, realizou-se nova conferencia no Paço, e, «antes que principiasse este acto mandou o Director, que foi o Marquês de Abrantes,

¹ Como se sabe, Vieira Lusitano foi muito protegido pelo Marquês de Abrantes, que o levou na sua companhia para Roma quando para lá foi como embaixador. Havia, pois, entre ambos intimas relações de amizade. Este facto corrobora a nossa conclusão.

Vid. o interessante poema: *Pintor insigne, leal esposo*, pelo proprio Vieira e *Amores de Vieira Lusitano*, por Julio de Castilho (Visconde de Castilho). Este esplendido livro contém preciosas noticias biographicas d'aquelle pintor e fixa varias datas que só puderam ser determinadas á custa de laboriosas investigações. A epoca em que este projecto foi feito coincide com a estada de Vieira em Lisboa. Acêrca do ordenado de Vieira, vid. Biblioteca Nacional. Ms. 716, fl. 7.

² Com autorização do Sr. Gabriel Pereira, muito digno e illustre Inspector dos archivos do reino, que teve a extrema benevolencia de attender o nosso pedido, o que muito reconhecidamente agradecemos, fomos á Biblioteca de Evora mandar tirar as photographias d'esses desenhos, e ali nos recebeu, attenciosa e muito amavelmente, o seu illustrado director, o Sr. Antonio Joaquim Lopes da Silva Junior, o que em extremo nos captivou e a quem ficámos altamente reconhecidos.

Tivemos conhecimento da existencia d'estes desenhos por dois livros do Sr. Gabriel Pereira; o primeiro intitulado: *Estudos Eborenses, fasciculo que trata de Exposições de Arte Ornamental*, p. 20; e o segundo: *A collecção de desenhos e pinturas da Biblioteca de Evora em 1884.*

A numeração actual dos desenhos já não corresponde á d'este ultimo folheto.

que o Porteiro da Academia distribuisse pelos Academicos a medalha que tinha composto na instituição da Academia»¹.

Em um dos citados livros de registos² encontra-se uma outra nota, muito vaga, que diz: «sobre se se hão de dar as estampas da medalha se mandou que se publiquem sem ordem». Ter-se-hiam publicado as medalhas em estampa?

No livro das despesas³ tambem figura a seguinte verba: «0600— Por dourar hñas medalhas».

Se esta nota se refere ás medalhas que estudamos, certamente algumas foram douradas por ordem da Academia.

O facto de ter havido o cuidado de distribuir medalhas aos academicos, antes de entrarem para a sala do Paço, e de a nossa medalha estar furada na parte superior, leva-nos a admittir, como possivel, que elles as tivessem usado como insignia, pendentes do pescoço. Não temos, porém, dados que confirmem esta supposição.

Parece-nos ccioso perder tempo em apontar defeitos nas estampas que reproduzem as medalhas, pois que os estudiosos já lhes conhecem as causas; comtudo sempre diremos que em todas as obras que citámos, onde vem estampada a presente medalha, houve, entre muitos outros descuidos, o de não ser mencionada a assinatura do gravador.

Dá-se um facto curioso: alguns escritores⁴, e por sinal os mais importantes, descreveram d'este modo a legenda do reverso: HISTORIA RESURGENS. Ora esta observação passaria sem reparo, pois que podia tomar-se como simples descuido, analogo a tantos outros que a cada passo escapam a quem se dedica a estes trabalhos, se o erro não fosse antigo.

Vaillant⁵, ao descrever a medalha romana que serviu de modelo a esta, escreveu ROMA RESURGENS, e igual erro commetteu Belorius⁶.

Num livro que pertence ao illustrado numismata o Sr. Ferreira Braga, onde a referida medalha vem estampada, algum possuidor an-

¹ Biblioteca Nacional. Ms. n.º 686, fl. 306, in fine.

² Biblioteca Nacional. Ms. n.º 685, fl. 119 v.

³ Biblioteca Nacional. Ms. n.º 714, fl. 9.

⁴ Aragão, *Histoire du Travail*, n.º 1376. Lopes Fernandes, *Memoria das Medalhas*, p. 25, e *Catalogo da collecção pertencente a Eduardo Carmo*, p. 161, n.º 5.

⁵ *Numismata Imperatorum Romanorum Praestantiora a Julio Caesare ad postumum usque, etc.*, edição de Roma, 1743, tomo 1, p. 32. Biblioteca Nacional, n.º 205.

⁶ *Adnotationes nunc primum evulgatae in XII priorum Caesarum numismata ab aenea vico parmensi*, olim edita... p. 62, n.º 17. Biblioteca Nacional, n.º 502 (secção de Numismatica).

tigo collocou um til sobre o segundo E da palavra RESURGES, para que esta ficasse com o som de *resurgens*!¹

Mas, depois de percorrermos todos os autores citados, tivemos ainda a surpresa de encontrar a referida legenda escrita da seguinte fórma no livro de Jacobus Musellius², que é escrito (o que é mais grave), em latim: «ROMA RESURGES (*sic*)!»! Isto é, o autor collocou a palavra *sic* por achar a legenda mal redigida!

Em vista pois da insistencia que tem havido em alterar estas legendas, não deve tomar-se esse proposito como simples descuido. Aos autores citados soava melhor a expressão *resurgens* do que *resurges*, mas sem razão, pois que tanto na medalha romana, como na da Academia se lê, respectivamente: ROMA RESURGES e HISTORIA RESURGES, e estas palavras cuja traducção é «Roma, resurgirás», «Historia, resurgirás», exprimem, por modo bastante elevado, o pensamento que nellas se contém.

Appendice

Em um dos livros da Academia Real da Historia³ está registada a seguinte carta:

«Do Marq.^a de Abrantes

Meu irmão e meu s.^r; dias ha q. sou devedor a v. e. não de amizade, por q. pontualm.^o lhe pago, mas de hũa carta e de hũa advertencia. Na carta me favorecia v. e. por ocasião das minhas funções com tão encarecidos termos q. só lhes acho comparação na generosid.^o do animo de v. e. e no meu reconhecido agradecim.^o; a advertencia me fez v. e. como secret.^o da Acad.^a p.^a q. nesta ocasião se estampassem algũas medalhas: confesso q. o assumpto he daquelles que dizem mais no tit.^o em q. se propoem, do q. deixão p.^a os tercetos em q. se declara o conceito.

¹ O livro é de Antonius Zantanius, e intitula-se: *Primor XII Caesarum verissimae imagines ex antiquis numismatib'. desumptae*, editio tertia, 1614, n.^o 17 das medalhas de Vespasiano.

² *Numismata antiqua* a Jacobo Musellio, collecta et edita Veronae, anno MDCCL, tomo 1, p. 79. Biblioteca Nacional, n.^o 390 (secção de Numismatica).

³ Biblioteca Nacional. Ms. n.^o 712, fls. 137 e 138. Muito antes de procedermos á nossa busca nestes livros já nos tinha sido communicada a existencia d'este passo pelo Sr. Manoel Joaquim de Campos, que o encontrou quando procedia a trabalho identico. Como bom amigo, entregou-nos a citação do livro, dispensando-se assim de publicar esta curiosa noticia, o que agradecemos.

Algum tempo depois, foi-nos de novo indicado o mesmo passo pelo Sr. José Antonio Meniz, illustrado conservador da Biblioteca Nacional, a quem nunca nos cansaremos de agradecer muito proveitosas indicações que por vezes nos fornece.

Já se sabe, que o corpo das medalhas hande ser os retratos dos noivos, não só porq. assy se costuma em semelhantes cazos, mas porq. ainda q. muito se procure se não acharão millores corpos. Sendo dous os casam.^{tos} devem ser duas as medalhas; e sendo elles tão iguaes, não podem ellas ser m.^{to} diferentes porq. se o fossem, escandalizariamos a hũa das partes, quando com ambas nos achamos igualm.^e empenhados; e assy me parecee q. a face principal da medalha ha de representar o retrato del Rey na forma, e com o tit.^o costumado, ao q. acrescentará O. M. ou P. F. dizendo = Joannes Quintus Lusitanorum Rex, Optimus Maximus, ou Pius Felix; e que na outra face se apresentem os retratos dos noivos, em forma mais pequena p.^a bem poderem caber com as suas epigraphes, como vão apontadas na folha incluza; em baixo de cada busto o seu nome; em cima á roda da face da medalha a sua legenda e na parte inferior, a que os franceses chamam exergue, a sua data.

Tudo vay sogeto a deliberação dos s.^{as} censores e á critica de v. e. ainda q. seja rigorosa como a do Conde de Assumar e não benigna como a do nosso amavel companhr.^o; que bom chasco me deu não só no publico dessa Acad.^a mas ainda no desta corte, em q. o seu Panegirico tem sido admirado. Fico á obed.^a de v. e.^a q. Deos g.^e; Madrid 24 de Fev.^o de 1728.

A *folha inclusa*, a que esta carta se refere, tambem está registada no mesmo livro, e contém o seguinte:

«Publicam hilaritatem reciprocant.

Josephus	Maria Anna
Princ. Lusit.	Hisp. Reg. F.
Conjugali fide	
VIII Kal. Jan. anno	
CICICCCXXVII	
Accepta	

Mutuam tranquillitatem firmant

Ferdinandus	Maria
Princ. Hisp.	Lusit. Reg. F.
Connubiali Foedere	
III Idus Januarii	
MDCXXVIII	
Sancito».	

Relacionando-se com o mesmo assunto encontrámos mais os seguintes registos:

1) Na reunião dos censores de 10 de Março de 1728: «Em primeiro lugar leo o Secretario a carta que tinha recebido do Marquês de Abrantes em resposta da que se lhe tinha escrito para dispor a medalha que se hade formar pela occazião dos casamentos de suas Altezas, na qual dá a forma da medalha, e mandando tambem os retratos dos Principes das Asturias, e da Princesa do Brazil e as Epigraphes e legendas q.^e hão de ter as duas medalhas, q. tantas parecem ao Marquês que devem ser, e votando-se se duvidou se se havia de aprovar logo, ou se se devia communicar a mais alguma pessoa, e se assentou que se mandasse abrir

ao buril para que aprovandosse e dandose conta a S. Mg.^{de} se mande cunhar nos metais que S. Mg.^{de} ordenar»¹.

2) Na junta dos censores de 27 de Abril de 1728: «Disse mais o Director (que era o Conde da Ericeira) q. El Rey tinha visto a idéa para a medalha q. se detremina fazer quando chegar a Princesa do Brazil, e q. detreminaria o q. se devia executar»².

Em vista d'estes documentos faremos algumas considerações, que elles naturalmente suggerem.

Mallogrado o projecto de casamento da Infanta de Hespanha, D. Mariana Victoria, filha de Filipe V, com Luis XV, Rei de França³, mostrou aquelle monarcha desejos de que a mão da joven Infanta fosse dada ao herdeiro da coroa de Portugal, D. José, pedindo em troca, para o Principe das Asturias, a Infanta portuguesa D. Maria Barbara⁴.

Assim foi communicado ao nosso embaixador, Antonio Guedes Pereira.

D. João V, accetitando a proposta com agrado, mandou a Madrid, como enviado extraordinario para tratar d'este negocio, José da Cunha Brochado, que, pouco tempo depois de ali chegar, assinou, com o seu collega Guedes Pereira, em 7 de Outubro de 1725, os preliminares do tratado de casamento. Ratificados estes pelos respectivos soberanos, houve troca de embaixadores extraordinarios, a quem foram dados plenos poderes para tratarem dos contratos definitivos.

Para Lisboa veio o Marquês de Belvazes e para Madrid foi o Marquês de Abrantes, que ali chegou em 3 de Setembro de 1727.

Ambos estes embaixadores fizeram entradas publicas solemmissimas nas respectivas côrtes.

¹ Biblioteca Nacional. Ms. n.º 692, fs. 27 e 28.

² Vid. o mesmo livro citado na nota antecedente, fl. 44.

³ Tinha a Infanta apenas 3 annos de idade quando foi ajustado o seu casamento com o Rei de França, que contava 11. D. Mariana Victoria esteve em Paris durante bastante tempo. Fez a sua entrada solemne naquella côrte onde foi apresentada como a futura esposa do Rei! Por conveniencias politicas, foi posto de parte o projecto d'este casamento quando Luis XV attingiu a idade de 14 annos, dando-se como pretexto a pouca idade da Infanta, que então tinha 6 annos. Comemorando estes projectos matrimoniaes, cunharam-se algumas medalhas, uma das quaes figura no catalogo das *Médailles françaises dont les coins sont conservés au Musée Monétaire*, edição de 1892, p. 216, n.º 31.

⁴ Acêrca d'estes casamentos vid. o livro intitulado: *Fasto de Hymenco, ou historia panegyrica dos desposorios dos Fidelissimos reys de Portugal, nossos senhores, D. José I e D. Maria Anna Victoria de Borbon, etc.*, por Fr. Joseph da Natividade, etc. Lisboa 1752.

Na occasião em que o Marquês de Abrantes estava em Madrid, por este motivo, recebeu uma carta do secretario da Academia, o Conde de Villa Maior, em que o *advertia* da conveniencia de serem cunhadas medalhas commemorativas de tão faustoso acontecimento. O Marquês, apaixonado amator da Medalhística, abraçou a ideia com enthusiasmo e escreveu então a carta que publicámos, na qual indicava o typo que ellas deveriam conter e, diplomaticamente, aconselhava que se cunhassem duas semelhantes para não escandalizar nenhuma das partes.

Teve igualmente o cuidado de remetter os retratos dos principes hespanhoes.

Do final da carta parece deprehender-se que o Marquês, ao escrevê-la, adivinhava algum dissabor. Se assim é, não se enganava.

Na junta dos censores de 10 de Março (cuja acta transcrevemos), á qual assistiu o Conde de Assumar, levantaram-se duvidas, resolvendo-se, por fim, mandar *abrir as medalhas a buril* e dar conta a El-Rei¹.

Porém, alguma cousa de mysterioso envolvia este plano, pois que El-Rei viu o projecto, *ficando de determinar o que havia de executar-se...*

O facto é que o tempo foi passando; os dois monarchas com suas familias fizeram magnificentissimas jornadas através dos seus territorios, para se encontrarem nas fronteiras em um palacio expressamente

¹ É possível que um outro desenho de Vieira Lusitano, que tambem faz parte da collecção da Biblioteca de Evora, onde tem o n.º 137, seja um projecto para alguma d'estas medalhas. Parece que se relaciona com os casamentos que então se effectuaram, mas não temos provas para affirmar que fosse feito para as medalhas que a Academia projectou.

Na duvida, não obstante não condizer com as indicações enviadas pelo Marquês de Abrantes de Madrid, fizemos reproduzi-lo na estampa supplementar n.º 1, fig. A.

Descrição:

À esquerda estão duas rainhas, que se abraçam, sentadas num banco de pedra, e á direita Mercurio e o Hymeneu, de pé, abraçando-se tambem. Junto de uma das rainhas está encostado um escudo. Leg.: FELICITAS DVPLEX.

Visto que se offerece o ensejo, é opportuno fazermos referencia a mais dois projectos de medalhas, do mesmo artista, e que tambem fazem parte da referida collecção. O primeiro, que vae reproduzido na estampa supplementar n.º 1, fig. B, é um projecto para uma medalha commemorativa da chegada dos reis e principes a Lisboa, em 1729, que tinham ido á fronteira trocar as princessas, como dissemos.

Representa uma quadriga, guiada pelo Hymeneu, sobre a qual vae sentada uma figura symbolica (talvez a Concordia), que sustenta um escudo bipartido onde estão as armas de Portugal e de Hespanha. Leg.: CONCORDIÆ TRIVM-

construido sobre o rio Caia; trocaram as princesas, realizaram se os casamentos, . . . mas as medalhas, pelo menos que nos conste, não se cunharam. Porquê? Ter-se-hia opposto o Conde de Assumar com a sua *critica rigorosa?*

Junqueira, Fevereiro de 1907.

ARTHUR LAMAS.

Lapide romana de Ferreira do Alemtejo

Faz parte da collecção lapidar do Museu Ethnologico Português, aonde entrou ha pouco, por generosa dadiva de S. Ex.^a o Sr. Visconde de Ferreira do Alemtejo, o monumento que se representa na figura junta.

Este monumento constitue a parte inferior de um cippo funerario da epoca romana. É de marmore e tem as seguintes dimensões: altura 0^m,60; largura 0^m,50; espessura 0^m,38. Na parte anterior lê-se, em duas linhas, um fragmento de inscripção, cujos elementos vou discutir.

L. 1.^a A primeira letra, comquanto á primeira vista pareça o, é sem duvida o, seguido de um ponto. Adeante está *ixnixs*, mas o segundo i é muito menor que as restantes letras. Depois a pedra acha-se um tanto delida; em todo o caso parece-me ali distinguir r, que póde estar seguido de a. A última letra que se distingue é claramente r. Adeante d'ella devia haver a letra i, mas nem a vista, nem o tacto a reconhecem.

L. 2.^a Não offerece difficuldade a leitura d'esta linha. A última letra é muito menor que as restantes, e está collocada no alto da linha. Cf. o i da linha antecedente.

PHVM: e no exergo: ADVENTVS REGVM PRINCIPVM — QVE VLISIPO-
NI — MDCCXXIX.

No campo, escritas com letra do sec. xviii, estão as seguintes palavras italianas: *li carateri piu picinini* (?).

Creemos que este projecto não tem nenhuma relação com os projectos da Academia.

Este desenho, que reproduzimos em tamanho natural, está contido no mesmo quadro que vae representado na fig. 5.^a

Na estampa supplementar n.º 11, fig. C, vae estampado o segundo projecto. Refere-se este ao nascimento da princesa da Beira, depois D. Maria I, primeiro fruto do casamento de D. José com D. Mariana Victoria.

Á esquerda, de pé, está a figura de Juno, que tem junto de si o competente pavão, segurando nos braços a princesa para a apresentar ao deus Pan, que na sua frente está sentado, empunhando a flauta e espargindo flores. Leg.: SPES ALTERA; e no exergo, em tres linhas: NATALIS PRINCIPIS BERLÆ — XVI KAL IANVARI ANNO — MDCCXXXIV.

Fig. A



Fig. B



Fig. C



Fig. 4.^a



Fig. 5.^a

